



DESAFIO LITERARIO



Instituto
Estadual
do Livro

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

José Ivo Sartori

Secretário de Estado da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer

Victor Hugo Alves da Silva

Diretora do Instituto Estadual do Livro

Patrícia Langlois

Conselho Editorial do IEL

Antonio Sanseverino, Carlos Alexandre Baumgarten, Charles Kiefer, Dilan Camargo, Jacira Fagundes, Luís Dill, Marco Cena, Monique Revillion, Patrícia Langlois (Presidente), Rubem Penz, Ruben Castiglioni, Sergio Borja, Vera Teixeira Aguiar

Instituto Estadual do Livro

Rua André Puentes, 318 – Porto Alegre (RS) – CEP 90035-150

Fone: (51) 33146450

www.iel.rs.gov.br

DESAFIO LITERÁRIO

Organização: Instituto Estadual do Livro



Porto Alegre, 2018

Edição:

Estevão Cogoy

Editoração e capa:

Sérgio Oliveira de Campos

DESAFIO LITERÁRIO

Comissão Julgadora:

2016-2017: *Jacira Fagundes, Waldomiro Manfroi, Ana Mello*

2018: *Jacira Fagundes, Waldomiro Manfroi, Cristina Macedo*

Apoios: Academia Rio-Grandense de Letras, Associação Gaúcha de Escritores, Associação Lígia Averbuck, BrascriL

ISBN 978-85-7096-393-4

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

D441

Desafio Literário [recurso eletrônico]. / organizado por Instituto Estadual do Livro. – Porto Alegre : Instituto Estadual do Livro, 2018.
83 p.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader ou outro leitor de pdf.
Modo de Acesso: <<http://www.iel.rs.gov.br>>

1. Literatura sul-rio-grandense. 2. Poesia. 3. Conto. 4. Crônica.
I. Título.

CDU: 821.134.3(816.5) (081.1)

Bibliotecária responsável: Morganah Marcon, CRB-10/1024

SUMÁRIO

Apresentação - Jacira Fagundes.....	06
2016.....	09
1º LUGAR - Renata Fonseca Wolff.....	10
2º LUGAR - Flávia Silva de Oliveira.....	18
3º LUGAR - Tiago Pedroso (Tiago Maria).....	26
2017.....	34
1º LUGAR - Bárbara Adriana Sanco.....	35
2º LUGAR - Marcel Citro de Azevedo.....	43
3º LUGAR - Fábio Ritter	51
2018.....	59
1º LUGAR - Celso Gonzaga Porto.....	60
2º LUGAR - Marcos Eizerik.....	68
3º LUGAR - Eduardo Bizarro Pereira Porto.....	76

Apresentação

Jacira Fagundes

Em 2016, uma conversa estabelecida entre a Diretora do Instituto Estadual do Livro – escritora e ilustradora Patrícia Langlois – e o secretário da Academia Rio-grandense de Letras – escritor Rafael Jacobsen – resultou na criação de projeto literário de expressão. Foi cogitado, na ocasião, algo até então inusitado na literatura – um concurso inspirado num reality show com grande visibilidade na TV.

A ideia de uma competição envolvendo a escrita criativa nos moldes do Concurso Master Chef veio a ser concretizada durante a 62ª Feira do Livro de Porto Alegre. Nascia, naquele ano de 2016, o Desafio Literário, uma competição destinada a se perpetuar, embasada em critérios de tempo e de surpresa. Um tempo curto e restrito à criação, conjugado à surpresa de um tema solicitado por sorteio, em 5 etapas de construção literária.

O Desafio Literário vem sendo desenvolvido pelo Instituto Estadual do Livro – IEL – junto com a Associação Lígia Averbuck. Visa valorizar a produção literária no Rio Grande do Sul, com apoio da Associação Gaúcha de Escritores – AGES –, da Academia Rio-grandense de Letras e da Brasril.

É direcionado a escritores que atuam na área da produção literária ou que demonstram interesse em desenvolver a escrita criativa, bastando, para tanto, sua inscrição. Importante salientar o caráter de imparcialidade e de disponibilidade de alcance do projeto. À semelhança das demais atividades que integram a Feira do Livro, vem atendendo a um público específico durante a Feira, em caráter de gratuidade.

O regulamento prevê um número aproximado de inscritos e dá todas as determinações inerentes à inscrição e desenvolvimento.

Em 5 dias consecutivos, os participantes, reunidos em local previamente indicado, criam textos em diferentes gêneros, num processo eliminatório, dia após dia. Uma listagem com os nomes dos

que se mantêm na disputa é apresentada antes do início de nova etapa. Aqueles não eliminados, que conseguem atingir as cinco etapas, passam pelos 5 gêneros em ordem de dificuldade literária: miniconto, poe-trix, poema livre, crônica e finalmente conto.

O certame, com tempo de duração de 1h30m para a criação dos textos, ocorreu no Centro Cultural Érico Veríssimo, nos anos de 2016 e 2017. Em 2018, teve como palco de disputa a Biblioteca Pública do Estado.

A Comissão Julgadora é constituída por três membros – integrantes da Academia Rio-grandense de Letras, da Associação Gaúcha de Escritores e da Associação Lígia Averbuck.

Em 2016 e 2017, a Comissão foi constituída pelos escritores Waldomiro Manfroi, Jacira Fagundes e Ana Mello. Em 2018, permaneceram os dois primeiros e também participou a poeta Cristina Macedo.

Ao início de cada etapa, o tema proposto para cada gênero é sorteado mediante uma lista de temas previamente estabelecida pela Comissão Julgadora.

Os textos produzidos pelos participantes são redigidos à mão, escritos com caneta, não sendo permitida consulta a quaisquer materiais físicos ou digitais.

Os textos não são identificados; ao final de cada etapa, recebem numeração conforme a ordem de assinatura dos participantes na lista de presenças do dia. Depois, são entregues em envelopes à Comissão Julgadora, com a devida referência numérica.

A avaliação dos textos ocorre na manhã imediatamente posterior, mediante atribuição de notas de 1 a 10, considerando os critérios de qualidade estética, obediência à forma do gênero, obediência ao tema, criatividade/originalidade e ortografia/correção gramatical. A cada um dos critérios é atribuído o peso de 1 a 3, constituindo a nota parcial em cada item.

Para a nota final, são consideradas as notas parciais em cada gênero, chegando assim a um consenso quanto à totalidade dos resultados nos cinco gêneros oferecidos.

Em solenidade oficial, são premiados os integrantes com as três maiores pontuações, constituindo o primeiro, o segundo e o terceiro lugar no certame. Na ocasião, os vencedores recebem troféus confeccionados pela Empresa Brascril e certificados emitidos pelo IEL. Em tempo, os textos premiados recebem publicações nos canais oficiais do IEL e nas redes sociais.

Durante a cerimônia, os participantes presentes ao ato são convidados a lerem seus textos. A revelação dos 3 vencedores é feita pelos membros do júri, com a leitura de uma das obras de autoria de cada vencedor.

O ato de premiação vem acontecendo, desde a instalação do projeto, no Auditório do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli – MARGS. É momento do conhecimento e premiação dos três primeiros colocados, com a coordenação da Diretora do IEL e com a presença do júri e de autoridades na área da Cultura.

O Instituto Estadual do Livro, através do Desafio Literário acontecido nas três últimas Feiras do Livro, vem cumprindo sua missão de incentivo aos escritores e à produção da escrita literária no estado.

2016

1º LUGAR

Renata Fonseca Wolff

MINICONTO

Desafio

“Vem aqui”, chama o primeiro. “Quero ver”, provoca o segundo. “Vou acabar contigo”, anuncia o primeiro. “Eu é que vou”, ameaça o segundo. “Olha que eu sou louco”, avisa o primeiro. “Não como eu”, contraria o segundo. “Tá com medo?”, pergunta o primeiro. “Medo de nada”, responde o segundo. “Vamos logo com isso”, impacienta-se o primeiro. “Mas o que está esperando?”, reclama o segundo. “Acho que estou nervoso”, confessa o primeiro. “Não tem por quê”, sorri o segundo. E, afinal, depõem as armas, baixam as defesas, dão-se as mãos e amam-se loucamente.

POETRIX

Pre(im)potente

Tenho pena de quem domina.
Jamais conhecerá a poesia
De simplesmente ser.

POEMA (Forma Livre)

Dar à luz

É preciso que se diga
O que não sabe ser dito.
O passo em falso na escada,
O olhar furtivo e aflito,

O grito vão do torturado,
O beijo que mais ninguém viu,
O corpo jogado à calçada,
O último entardecer de abril.

E no silêncio tênue da noite
Surge algo que se escuta.
O pranto corta a madrugada,
A criança chega e luta,

Para dar a si mesma à luz
E chorar para o novo dia
Tudo o que ninguém disse
Tudo o que se esquecia.

CRÔNICA

Sobre o quase

Tenho medo de avião.

A originalidade da fobia é pouca, mas todo o resto – tremor nas mãos, as palpitações, os olhares desesperados para todos em volta, o apelo em murmúrios a divindades a quem o meu natural ceticismo me impede, naturalmente, de recorrer – é intenso. Certa vez, uma leve turbulência, suficiente apenas para que os comissários interrompessem por um minuto o serviço de bordo, me proporcionou a convicção de que a morte trágica se anunciava.

Mas não caímos, o que a existência deste texto evidencia.

Entretanto, a cada vez que sobrevivo a um voo, ao invés de adquirir mais tranquilidade sobre a segurança do transporte aéreo, o oposto me sucede: se não morri desta vez, aumentam as chances de que eu morra na próxima (a lógica de uma fobia desbrava caminhos tortuosos na mente humana).

Parte disso, creio, tem menos a ver com o ato de voar do que com o exercício de desterramento que qualquer viagem, por qualquer meio, representa. Deslocados a terras estranhas (seja numa estrada, cidade ou país desconhecido), tudo passa do certo e corriqueiro para o novo e temerário. Em outras palavras, a qualquer momento, tudo pode dar errado.

Viajar é um constante quase.

Me lembro de chegar em Salvador de madrugada, exausta e com a viagem paga desde Porto Alegre e receber a notícia de que o hotel não tinha a minha reserva. Me lembro de adormecer no ônibus entre Por-

to Alegre e Estância Velha, de manhã cedo, e acordar em uma parada desconhecida, muito além do destino, sem uma rodoviária ao redor. Me lembro atravessar correndo o aeroporto de Brasília, arrastando a mala atrás de mim, porque errara o portão de embarque. Me lembro de me perder no caminho de carro para Termas do Gravatá.

Em Buenos Aires, um morador de rua, com quem não conseguia me comunicar, expulsou-me do meu assento no metrô, empunhando um documento que eu não compreendia, o que foi para mim, sem ironia, uma grande lição sobre a consciência cívico-política do povo argentino. Em Pelotas, cada um dos lugares marcados no roteiro fechou-me as portas por um motivo diferente: hoje temos um evento; estamos em atividade interna; em greve; em reformas. Fui ao Mercado Público e me consolei com – o que mais? – doces.

O que nos escapa, em uma viagem, marca tanto quanto o que se realiza. Em Buenos Aires e Montevideú, Juan Carlos Onetti me escapou mais de uma vez. Pretendia pesquisá-lo para um texto que escrevia; perdi por um mísero dia a palestra de Hermenegildo Sábat, que o conheceu pessoalmente, na Feira do Livro de Buenos Aires; na biblioteca de Montevideú, primeiro não souberam dizer onde estava seu acervo, e depois encontrei a biblioteca fechada – vinte minutos antes do horário previsto. Nesse dia, ao fim da tarde, enxerguei o rosto de Onetti em um grande outdoor, bem distante de mim, como se risse do meu fracasso e da sua fuga teimosa e bem-sucedida.

Mas às vezes o quase basta: o avião que sacudiu e apavorou seus passageiros (uma em particular) mas aterrissou. Os lugares, assim como as pessoas, permanecem. Uma nova visita é sempre possível, driblando os quase e os desencontros, buscando na realidade palpável o que o outdoor promete à distância. Onetti, tenho certeza, aguarda, desafiador e inatingível, o meu próximo desterramento. E não escapará de novo.

CONTO

Despedida

O marido terminava o café em silêncio; como sempre, café preto. Três colheres de açúcar. Um pão torrado (mas não queimado, que inferno, será tão difícil torrar uma fatia de pão sem queimar?) com uma camada de manteiga não muito grossa, nem muito fina. Ela esperava, com os olhos na toalha da mesa.

– Fraco – ele disse depois de um gole do café.

Ela fechou os olhos. Abriu-os e virou-se para o filho, na cadeira da porta. Ensaiou o sorriso. O menino não sorriu de volta, mastigava devagar o bolo de milho e abaixou a cabeça. Ela ajeitou devagar a mecha de cabelo sobre o rosto.

– Desculpe – ela sussurrou.

O marido não respondeu. Levantou, limpou as mãos nas calças e ia saindo da cozinha quando um celular tocou. Ela pegou o aparelho do bolso. Olhou a tela e não atendeu.

– Quem é a essa hora? – o marido reclamou.

– Nada.

– Deixa ver.

Ela largou o celular sobre a mesa.

– Dá aqui – ele insistiu mais alto, aproximando a mão estendida.

Ela alcançou-lhe o aparelho, que parou de tocar. Ele apertou algumas teclas e jogou-o de volta à mesa, sobre o prato de bolo.

– Diz pra tua irmã não ligar tanto.

O filho observava ora o pai, ora a mãe. O marido saiu para o quarto, voltou vestindo um casaco. Ela e o filho permaneciam sentados.

– Não vai limpar a cozinha? – o marido perguntou.

– Já, já.

Ele veio até ela, que se encolheu. Por um momento, resvalou os dedos no braço na esposa em um carinho displicente.

– Fiquei nervoso ontem – essas coisas que tu fazes me deixam nervoso.

Ela fez que sim com a cabeça, sem olhar para o marido. Ele se encaminhou à porta, abriu-a, acenou para o filho e voltou a falar com a esposa:

– Hoje chego às sete. Vou querer o frango com aquele recheio, mas menos salgado do que da última vez.

A porta fechou. Ela debruçou-se sobre a mesa, suspirou, absorveu a casa quieta por um minuto. Encarou o filho e, desta vez, ele devolveu um esboço de sorriso. No pratinho colorido à frente do menino, só restavam migalhas do bolo de milho.

– Quer matar aula hoje? – ela sugeriu.

– Não. Queria fazer um desenho de dinossauro do filme de ontem e colocar na parede da sala de aula.

– Depois – ela disse. – Hoje vamos dar um passeio.

– Para onde?

Ela levantou, ergueu o filho e trouxe-o ao colo.

– É surpresa – falou com um beijo na testa do garoto.

Preparou uma sacola pequena de roupas para si e outra para o filho. Trocou a roupa do menino, penteou-lhe o cabelo, escovou os dentes. Fez o mesmo para si. Olhou-se séria no espelho. O filho abraçou-lhe a cintura. Ela sorriu, pegou as sacolas, tomou o menino pela mão e foi à cozinha. Olhou para a louça suja, a mesa desarrumada, as panelas usadas no fogão. Lembrou a ordem do marido e tirou o frango da geladeira. Colocou-o na pia. Tirou o celular do bolso e chamou o número da irmã, sob as vistas atentas do filho.

– Chego ao meio-dia – disse à irmã. – Não ligue mais para este número.

Enfiou o celular dentro do frango com violência e despejou sobre ele todo o sal do saleiro. Saiu da casa de mãos dadas com o filho rumo à rodoviária, o dinheiro economizado em uma bolsinha escondida no sutiã. Escutou alegre a conversa do filho sobre a cor das escamas dos dinossauros e começou a rir sem perceber.

2º LUGAR

Flávia Silva de Oliveira

MINICONTO

Como flocos de neve

Era neve na sua janela. Os flocos pareciam pipocas e alguns batiam no vidro, queriam entrar. Desconheciam o fato de que aquele desejo, aquela curiosidade genuína e heroica teria um desfecho infeliz caso fosse atendido. No entanto, ela sabia que a natureza tinha o seu tempo e que não era certo abrir a janela e deixar os floquinhos se aquecerem e se desmancharem tão brevemente. Eles precisavam lutar, resistir àquela vontade juvenil. O descontrole deles era o seu próprio desespero. Por alguns minutos, desejava que alguém retirasse todas as agulhas e mangueiras do seu corpo e a libertassem de sua condição, ainda que não fosse certo. Contudo, a vontade passava: assim como os flocos de neve, ela também precisava lutar.

POETRIX

Batalha Poética

Na luta pelo poder do poema
A vitória é de quem morre antes
De presença, de vazio - de palavras.

POEMA (Forma Livre)

Enquanto te espero

Enquanto nossos passos se desencontram
Coloco-te em meus olhos para que ali me vejas
Entre o corpo dormente de choro e o colo que grita
Aceito que as batidas do ventre já não são tuas
E foges de mim, sem aviso, sem suspiro, sem revolta
Como se tua despedida não permitisse abraços.
Talvez te aches ainda semente
Para minha floresta de esperanças que, por vezes, se esvazia
Mas aguardo teu tempo, sem pranto, sem medo
Pois sei que chegará o nosso momento
E nascerás, argila de brisa, de cor, de luz.

CRÔNICA

Sobre curar-se

Eu era ainda criança, entre sete e oito anos, quando escutei, pela primeira vez, com atenção, o que significava viajar. O tio conversava com minha mãe sobre a viagem que faria no outono. Iria para a Austrália. Ele tinha pedido demissão e ficaria longe, no mínimo, por um ano. Dizia ele que a vida era muito curta, que queria conhecer outros lugares, outras culturas, outras pessoas. E partiu. No ano seguinte, nas férias, meu pai organizou uma viagem e coloquei-me a pensar no avião, nas aventuras, nas pessoas diferentes que conheceria. No entanto, o destino era a praia de Cidreira, no litoral gaúcho. No terceiro dia, minha mãe disse “como é bom descansar”, sentada na área da casa alugada. O suspiro que veio em seguida foi o que me marcou.

Já adulta, quando me casei, a lua de mel foi no Chile, presente das cunhadas que disseram: “Lua de mel sem viagem não vale nada!”. Após o divórcio, meus primos se manifestaram a respeito: “Faça uma viagem, vai fazer bem”.

Uma viagem traz tantas conotações que nos leva a questionar nossos próprios conceitos de base. Poderíamos pensar a viagem como uma fuga da condição atual, da rotina, da observação repetida das coisas, das pessoas, das atividades. Minha mãe queria descansar. Contudo, esse descanso, percebo hoje, não se deu necessariamente porque estava desocupada de seus afazeres domésticos – ela continuava cozinhando, limpando e lavando roupas. Aquele “descansar” estava, sem dúvida, ligado à viagem, ao ato de sair do lugar-comum.

Em outra definição conotativa, a viagem seria como um remédio, a solução ideal para se curarem todos os fracassos, decepções, tédio e

ansiedade. Foi traída? Viaje. Está doente? Viaje. Todos os problemas serão resolvidos.

No entanto, acredito que a cura esteja no tempo e viajar é o entretenimento durante essa necessária espera. A verdadeira viagem deve ser feita, para a cura plena, dentro de nós, em primeiro lugar; de dentro para fora.

CONTO

Superação

Alcançou a escada e parou. Ele sabia que por ali não podia seguir. Retornou e perguntou o local do elevador ao homem que limpava os vidros do prédio. Não havia. Alguém teria que carregá-lo, se quisesse subir. Sem jeito, pegou o cartão da bolsa e, estendendo os braços, colocou-o dentro da caixa de correio. Pelo menos ela saberá que estive aqui, pensou, acessando a calçada. O corpo doía, mas não se aproximava da sensação de fracasso que corroía seus pensamentos. Os pedregulhos da rua travavam as rodas da sua cadeira, mas a lembrança de que nunca mais ia caminhar bloqueava seu espírito.

No semáforo, aguardou alguém aparecer para ajudá-lo com o degrau que separava o passeio do asfalto. Era feriado e, naquele horário, poucos pedestres circulavam por ali. Desistiu. Desejava, com pressa, chegar em casa, o choro já exigia liberdade.

Ajeitou-se na cadeira e, posicionando as rodas de forma transversal ao degrau, avançou. O impulso não foi organizado e o seu corpo acabou por inclinar-se mais do que o previsto. Com o deslocamento, a cadeira virou e ele caiu. A areia do asfalto machucou-lhe o rosto. Os gritos não saíam da garganta, eram as lágrimas que clamavam por socorro. Tentou, em vão, se arrastar até o acostamento. Estava preso no cinto e não conseguia, na posição em que se encontrava, alcançar a fivela. Lembrou-se do celular que levava na bolsa. Dobrou os braços para conseguir desamarrá-la da cadeira. Com o aparelho na mão, hesitou. Não sabia para quem ligar. Ninguém o esperava. O braço já adormecia quando o telefone tocou. Era ela que ligava. Naquele estado, não podia

atender, não podia falar. Na segunda chamada, reconsiderou. Talvez sua voz lhe daria a força necessária para sair daquela situação.

– Oi, li seu cartão. Onde você está?

– Pois é. Tive um problema.

– Queria dizer que também gosto de você. Se quiser, ficamos juntos e superamos essa tristeza. Eu quero.

– Eu também. Me aguarde. Estou chegando logo, logo.

3º LUGAR

Tiago Pedroso
(Tiago Maria)

MINICONTO

Luta Vã

No relógio, cinco e vinte. Água fria no rosto ainda morno. Engole o café antes da batalha. Dois humilhantes pra ir, dois pra voltar. Chega em casa nocauteado. Os braços pesam mais que a consciência. Rosto desfigurado. Pernas adormecidas. Foi uma saraivada de ataques e esquivas. Por pouco não jogou a toalha. Alguns golpes que ultrapassaram a guarda. Outros abaixo da linha da cintura. Dezoito em ponto. Salvo pelo gongo.

- Como vão as coisas, seu Pedro, sempre na luta?
- Por baixo, mas dando soco. Amanhã é dia de São Pega.

POETRIX

Não posso ser lido

Assim mesmo tu teimas
Pousa em mim esses olhos
Acabas com minha sina

POEMA (Forma Livre)

Parto (A)normal

Quando nasce um leitor,
Todos os livros batem páginas.
Onde nasce um leitor,
A luz favorece as serifas.
 Como nasce um leitor?
 Enrolado no cordel angelical.
 Pra que nasce um leitor?
 Para questionar o próprio natal.

Ao nascer um leitor,
Morre no parto um ignorante.
Nascendo um leitor,
Renasce uma biblioteca inteirinha.
Agora escreve, escritor
Escreve que a maternidade anda cheia.
Escassos volumes, tamanha natalidade.

Escreve, escritor
Leitores já nascem famintos
vorazes por essa historinha.

CRÔNICA

Homem ao mar

“Atenção, senhores passageiros, informamos que, devido às más condições do tempo, o aeroporto encontra-se fechado para pousos e decolagens. Sem previsão de retorno.”

– Navegar é preciso. Voar é precário.

Concordei sorrindo e achei até espirituoso o comentário do senhor que estava na minha frente na fila do check-in. Deveria ter encarado como um presságio. Depois de perder o teto, fiquei sem chão: “overbuque”.

Essa expressão, abasileirada na crônica por este grosseiro rapaz aqui, substitui o que as empresas aéreas deveriam nos dizer: olha, vendemos mais passagens do que assentos disponíveis e, desta vez, você ficou de fora. Tome aqui uma barra de cereal e aguarde o próximo voo.

A recíproca também deveria ser permitida. Quando chegasse a conta do cartão de crédito, diríamos às companhias: olha, gastei mais do que o previsto e não pagarei esta parcela. Tome aqui uma aguinha e aguarde a próxima fatura. “Overrevanche”.

Passada a fase da fúria, chegando no estágio da raiva controlada, fui informado por uma dessas moças da mesma empresa, que dão informações completamente diferentes umas das outras, que o próximo avião sairia dali a três horas. Depois de mudarem quatro vezes o portão de embarque, que já estava mais para um portal, acomodei minha bagagem de mão. Minhas malas já haviam sido despachadas. Só nunca descobri pra onde.

Sinto em viagens de avião a sensação de estar em um eterno elevador. Com a diferença das aeromoças que, talvez por estarmos perti-

nho do céu, parecem anjos barrocos, enquanto nos elevadores, demônios perguntam do fosso: desce?

Tem aquela voz canalha do comandante anunciando a altitude e velocidade. Puro sarcasmo! As minipoltrononas. As comidas com gosto de isopor. Definitivamente, não gosto de voar. Imagino quando era permitido fumar na aeronave. E tinha gente que fumava mesmo. A falta de educação viaja na janelinha.

Meu trajeto era para ser feito em uma hora e meia. Eu já estava havia cinco horas tentando chegar. Desembarquei quinze minutos depois do término do meu compromisso. Munido de todos os meus argumentos, comprovantes e estoque de paciência, depois de duas horas e meia conseguiram me alocar em um voo de volta pra casa. Com escalas.

Saldo da viagem: sete horas em aeroportos, quatro horas dentro de aviões. Compromisso perdido e bagagem extraviada.

Na próxima, vou de navio.

CONTO

Sístoles e Diástoles

A visão da janela até que não era das piores. Acendeu um cigarro ainda na cama. Não fosse a cadeira, que já andava emperrando nas subidas, desceria até o passeio para descobrir afinal o que carregava na mala em formato de coração a moça que, diariamente, cruzava seu campo de vista em direção à rodoviária.

“De hoje não passa”. Estava decidido. Precisava, de qualquer jeito, esclarecer aquela rotina que tanto a instigava. Talvez fosse só mais uma trabalhadora de outra cidadezinha que fazia seu trajeto diário da empresa pra casa, de cada pra empresa. Mas e a mala em forma de coração que ela desliza pelas calçadas sem desviar de ninguém? Limpou o cinzeiro, que já estava abarrotado de baganas, e foi até o armário apanhar outra carteira.

Seus cabelos negros e bem curtos, acima dos ombros, mostravam a nuca, onde pousava uma tatuagem que nunca conseguiu identificar da distância onde estava.

Bateu com o isqueiro, que andava falhando, na ponta da mesa, e acendeu outro cigarro. E aquele coração a cabresto atravessava a passarela. A respiração viciada perdeu força antes da tragada profunda.

Quisesse mesmo saber daquela estranha, teria que sair de casa, coisa que não acontecia há alguns anos, e abordar a moça. Perguntaria sobre o conteúdo da mala e desvendaria a tatuagem. Só isso. Ela de certo acharia esquisito. Mas quem se importa com as maluquices de um pobre aleijado? Acabou o cigarro. Um pretexto a mais.

Depois de diversas tentativas frustradas, conseguiu colocar a velha cadeira de frente para o corredor. Até a porta de saída do prédio, são três lances de escada. Catou a maior bagana do lixo e acendeu com o último fósforo da caixinha. Tragou coragem de uma única puxada. Num esforço incomum, conseguiu vencer o primeiro lance. Suando muito, foi se batendo e desequilibrando até os últimos degraus.

Ofegante e já meio tonto, conseguiu chegar até aquela porta. Aquelas pessoas todas apressadas e o ruído da rua lhe causaram náusea. De uns tempos pra cá, aquela era a coisa mais ousada que havia feito. Tinha um propósito. Não iria desistir. Sentiu falta de um cigarro para lhe devolver o ímpeto.

A cadeira dava sinais de alerta. Nesse instante, teve a sensação de estar sendo observado. "É ela". Quando foi se virar em direção à rodoviária, um coração, arrastado pela alça, palpitava nos paralelepípedos.

Pediu um avulso na banca de revistas. Exausto. Os braços dormentes. Uma roda presa aumentava ainda mais o esforço. Quanto mais perto ia chegando, mais a boca secava. No peito, uma pressão. A camisa molhada. O braço esquerdo já não sentia. Alguns metros e acabaria aquela tortura. Só mais alguns metros. "A tatuagem!". Era um coração invertido ou seus olhos embaçados o estavam traindo. Num derradeiro impulso, conseguiu tocá-la. A moça virou-se. Não tinha rosto. Apenas um buraco de carne. Caiu sobre a mala, que se abriu inteira. De dentro, salta um coração vermelho-sangue. Viscoso e quente com seus aurículos e ventrículos, sístoles e diástoles.

2017

1º LUGAR

Bárbara Adriana Sanco

MINICONTO

O Clube

Lara olhou para os pés já descalços na beira da piscina. Mário chamou por ela e a viu levantar os olhos devagar. Desde a infância o encontro aos sábados se repetia. Os azulejos viram os dois casarem, terem filhos, netos e o cloro se misturar com o sal dos olhos na viuvez. Lara tomou coragem e entrou. Os braços de Mário a ampararam e os dois colaram as mãos na caminhada silenciosa do amor amigo que sabe falar por gestos.

POETRIX

Sorrisos rasgados

Sangue – Separação
Quebrados estão
Os porta-retratos

POEMA (Forma Livre)

Para a Terra não sumir

Se vontade não falta
Vira o pé, dá meia-volta

Recolhe o papel do chão
Separa o lixo então

Preserva o bicho ameaçado
Conserva a mata, o cerrado

Enche o peito de coragem
Pratica pois a reciclagem

Esquece a ambição e a ganância
Ter pouco pode ser abundância

O mundo nunca será perfeito
Mas o mal pode ser desfeito

CRÔNICA

Envelhecendo em Porto Alegre

Mesmo sem nunca ter tido um cachorro para justificar uma saída à noite, eu sempre gostei muito de caminhar por Porto Alegre. Já morei em vários bairros, da Zona Norte à Zona Sul e, por mais que o aumento da violência seja uma constatação, ainda gosto de praticar esse hábito.

Verdade seja dita, precisei adaptar-me. As voltas pelo bairro, antes solitárias, foram trocados por passeios acompanhada em praças movimentadas, nas quais se chega e se sai motorizado.

A cidade mudou nesses cinquenta anos, eu também. O que era uma diversão, correr para pegar o ônibus, em meio à chuvarada, depois da escola, com o tempo transformou-se na tarefa penosa de equilibrar os livros da faculdade, as sacolas do supermercado, os filhos de colo e hoje o peso dos joelhos cansados.

Hoje eu não corro da chuva. Deixo que ela passe. Tomo a vacina da gripe todos os anos, mas vai saber... o vírus é mutante. Também tenho de ser. Fujo da correria, dos pingos; levo casaco, guarda-chuva, saio mais cedo.

Na juventude, via e sentia as horas da madrugada de olhos abertos para as novidades. Não vejo mais o amanhecer tendo chegado insone até ele. É o telefone que me desperta para abrir a janela do quarto e ver o raiar do dia e o alvoroçar do passaredo.

Porto Alegre continua linda. Eu a vejo de outros ângulos. Fora das baladas, eu aprecio as estrelas devagar, eu fito a lua. Não há jogos. Não

há pressa. Estou na noite da vida e chego à conclusão de que devo vivê-la como se fosse eterna.

CONTO

Olhares

Eu e meu irmão frequentamos a escola no tempo das camisas engomadas e dos sapatos lustrados. O pai quase não víamos. A mãe era nosso tudo.

Sua voz doce era um arauto: “– Caio! Edu! Levantem!”

E saltávamos da cama na velocidade de uma lesma, mas incentivados pelo cheiro do café e das torradas. Vivíamos dias iguais: escola, almoço, tarefas, um pouco de brinquedo, banho, jantar e cama.

Durante anos nunca me preocupei com nada além de apontar meus lápis de cor e aprender de umas equações algébricas.

A casa era o espelho de nossa mãe. Nela não havia nada fora do lugar. Nada que sobrasse ou faltasse. Parecia que as cortinas, que nunca amarrotavam, obedeciam ao seu olhar e não ao vento que soprava pela janela.

Aos dezoito anos, Caio sofreu um acidente. Não sei de onde Dona Eliza tirou forças para ir ao meu encontro e calmamente contar-me que meu irmão mais moço havia falecido. Eu desabei, ela pediu-me fé, força. Fomos ao quartel encontrar meu pai.

Seu Humberto já estava com câncer, não sabíamos na época. Oito meses depois de enterrar meu irmão estávamos de volta ao cemitério para a despedida do meu pai. Sobramos eu e ela.

Quando voltamos para casa ela pediu-me para sentar no sofá e disse: “Edu, não se preocupe comigo. Vai dar tudo certo.” A última frase

saiu quase num soluço e um véu caiu dos meus olhos. Vi minha mãe envelhecida, mãos trêmulas, grisalhos cabelos. Como não havia percebido antes?

Depois do luto, voltei ao trabalho e à rotina.

Ainda moro com Dona Eliza. Ela não corrige mais as cortinas com o olhar. Hoje, sou eu quem lhe calço as pantufas e sirvo o café.

Entretanto, depois de tudo, ainda não me sinto maduro o suficiente para perdê-la. Ela ensinou-me tudo, menos isso.

2º LUGAR

Marcel Citro de Azevedo

MINICONTO

Philia (Da Amizade)

Estavam os dois ali, o cálice de cicuta à frente. “Não devo temer a morte”, disse Sócrates, tomando o recipiente nas mãos. “Preparei-me para este momento, filosofar é aprender a morrer.”

“O que posso fazer para tornar esse momento menos terrível?” perguntou Plato, ao enxugar o suor da frente do mestre.

“Escreva! Escreva muito, escreva todos os dias sobre as nossas conversas, o vinho que bebemos nas tabernas, o nascer do sol na Ática e sobre o Peloponeso, onde amamos a mesma mulher. Escreva sobre a sabedoria trazida pela amizade com os livros e com os homens virtuosos. Escreva sobre nós!”

Falava ainda, quando Plato arrancou-lhe o veneno das mãos e sorveu-o em uma tragada.

Perdoado por Atenas, Sócrates passou a escrever diálogos em que Plato ressuscitava, movendo-se nas dobras do papiro, respirando no tecido do pergaminho.

POETRIX

Dominatrix

Xinga, linda em couro
Botas, algemas, esporas.
Em cada esporro, morro.

POEMA (Forma Livre)

Um poema para Gaia

Antes de ser homem, fui pedra
planta, protista e protozoário;
anfíbio, lagarto terrível
ave marinha e fera irascível.
O homem que sou
é a soma de todos os seres.

Vi Pangeia e as glaciações,
sofri as convulsões telúricas
Que tornaram a geografia sustentável.
Hoje, equilíbrio é um tema afável
Sem bioma, não há poema
Sobra poesia na ecologia

E se asteroide, tsunami ou vulcão
Findarem flora e fauna sem um som;
nem estrondo nem gemido, um suave Armagedom;
Creia, Gaia, não haverá problema
Voltarei à praia, um grão de areia
Todo poema é um ecossistema.

CRÔNICA

A casa noturna

Mês passado estive alguns dias no interior. No interior do interior, para ser mais exato. Sabe onde o Diabo perdeu as botas? Se você dobrar à esquerda e andar mais uns 30 km, encontrará a árvore de Judas. É na ravina mais abaixo, ali onde o vento faz a curva, o local em que montei o acampamento para passar a noite.

Estava sozinho, tal qual um político honesto na Capital Federal, um congressista preocupado com o bem comum, boa governança, estas coisas. Sozinho, mas não solitário. Trazia comigo uma luneta super potente, um quase telescópio.

Quando ela caiu, caiu por inteiro. Era uma escuridão total, a treva absoluta. Montei o tripé, ajustei o foco, na noite desluada o show iria começar.

Não há espetáculo mais grandioso do que o céu noturno, em uma noite de Lua Nova. Antes do advento da iluminação elétrica, as pessoas prestavam atenção aos astros, ao seu deslocamento do entardecer à aurora, e às figuras que se formavam ao longo do suceder das horas ou o correr das estações. Temiam os fogos-fátuos e procuravam estrelas cadentes. Neste mundo de neon e pixels, em que telas coloridas de todos os tamanhos e formatos desbancam o firmamento e seus mistérios, a magia da noite volatilizou-se em uma sucessão de horas amorfas, uma contagem regressiva para amanheceres que ninguém testemunha.

Ajustei a lente para a Nebulosa de Órion, e contei dez, doze estrelas. Seriam elas apenas buracos no céu, a filtrar a luz mortal que permeia tudo?

Uma nuvem inoportuna se aproximou, e depois outra e mais outra. Logo, uma garoa miúda começou a cair, molhando o equipamento e o meu exemplar da poesia reunida de Sylvia Plath. Um trovão se fez ouvir, e um relâmpago cortou os ares tal qual isqueiro feérico. A garoa tornou-se tempestade.

Encolhido na barraca, antes de fechar o zíper, tive a impressão de que os Gêmeos, lá em cima, acenaram por detrás de uma nuvem.

A manhã seguinte nasceu coberta e descorada.

Subi até a árvore de Judas e percorri, devagar, os 30 kms da estradinha vicinal até a RS-666, ainda mais maltratada pela tempestade noturna. Na encruzilhada, um embrulho amarelo, grande.

Desatei o barbante, abrindo-o. Surgiu um par de botas de couro negras. Eram muito compridas, com saltos altíssimos e um brasão heráldico na extremidade do cabedal. Se eram do velho Cão, eu não sei, mas cheiravam como se fossem.

Examinei melhor o papel do embrulho. Estampada na superfície amarela, localizei o endereço de uma conhecida casa noturna de Brasília, praticamente vizinha ao Congresso Nacional.

CONTO

Além da Física

Dizem que o segundo casamento é a vitória da esperança sobre a experiência. O quinto casamento, então, eu não posso fazer ideia do que seja.

Conheci Lindinha num bar. Não foi um bom perfil no Tinder, blue eyes, barriga negativa ou qualquer vantagem deste tipo o elemento decisivo para que ela me acompanhasse até o apartamento, depois de duas garrafas de champanhe (espumante é para os fracos) e muito xaveco (será que a gurizada ainda usa este termo?).

Ela mesma disse que topou me acompanhar por causa do papo maduro, cabeça, equilibrado... e do perfume Armani, ela adora Armani. Rolou uma conexão imediata, algo que transcende a Física.

Depois de duas semanas, começamos a namorar; após um mês, morávamos juntos. "Loucura", diziam os meus amigos da roda de chope do Barranco, "ela é trinta anos mais jovem do que você". "Bobagem", eu respondia com o velho clichê, "idade é questão de cabeça". Se a Ana Maria Braga pode, eu também poderia. Nisso, até o Araújo concordou.

Montei um apezinho para ela. Estou na sala agora, e trouxe o tapete e o quadro que ela pediu. Já estou um pouco alcoolizado, reconheço. Lindinha falou que iria chegar às nove, tinha prova na faculdade. Às dez, bebi o meu segundo uísque. Às onze, vodka. E agora, meia-noite, com rodas as garrafas esvaziadas, encontro-me bebendo esta porra de latinha de cerveja. Destas que se compram no Super a R\$ 1,99.

Acho que estou fazendo um papel ridículo, de plantão aqui neste sofá. Um papel inapropriado para um homem maduro. Minha terceira

mulher sempre dizia que eu era uma criança grande, e a quarta me chamava de Peter Pan.

Talvez elas tivessem razão.

Gostaria de ter bebido menos. Vou ter que confessar, já passei da fase do macaco e temo chegar à fase do leão. Nunca fui um homem violento, receio perder as estribeiras.

Serei direto. Lá vai, então...

Ops, não sei gravar direito neste WhatsApp. Vou tentar de novo. Testando, um, dois, três...

Ouviu, Araújo? É para você me buscar aqui em uma hora, pode ser?

Você é meu amigo, então vou te contar agora, vou deixar gravado para você entender a minha situação. Estou aqui puxando as lembranças, auditando os últimos meses desta minha vida louca. Sim, Lindinha está me enlouquecendo. E no mau sentido!

Há uns minutinhos atrás, fui no banheiro, cheguei a vomitar no vaso (será que a Fase do porco vai chegar antes da do leão?). Procurando lencinhos na gaveta, encontrei um pacote de camisinhas e uma cartela de pílulas.

Cara, será que eu cheguei a contar a ela que fiz vasectomia dez anos atrás?

Vê se não me fala esta porra toda pra ninguém, viu Araújo? Depois de ouvir, apaga a gravação.

3º LUGAR

Fábio Ritter

MINICONTO

Prioridades

Desde que chegou à idade adulta, Felipe priorizou tudo o que lhe desse conforto e segurança. Dos estudos sem fim ao trabalho até em dia santo. A posteridade seria sinônimo de prosperidade. Até que veio o diagnóstico: estava doente, estava mal. Já não tinha os pais para procurar colo, nem amadas, nem amigos. Lembrou-se do grupo com o qual jogava basquete na infância e na adolescência. Mário e Pedro eram os mais próximos, traziam lembranças felizes. Tentou achar o contato deles, mas não encontrou. Foi quando percebeu que já estava doente há muitos anos.

POETRIX

Portão de casa

Celular na mão
Revólver na cabeça
Outra vida no chão

POEMA (Forma Livre)

Infinito Finito

Olho o sol refletido no rio
Infinito, bonito, bendito.
É algo que quero sempre admirar
Temo que as pessoas não queiram
Ver, saber, aprender
Que é uma paisagem em perigo.

Meio ambiente, utopia da necessidade
Necessidade para o curso da vida
Bonita, bendita, finita.

CRÔNICA

Luzes Noturnas

A noite me encanta desde que me tornei um adulto. Não lembro a importância que ela tinha para mim antes disso. Parece que à noite tudo é mais intenso: Alegria, dor, amor, cansaço ou desejo. Uma amiga hipocondríaca alerta: "A febre sempre aumenta à noite". Verdade, ...as febres, todas elas.

Um show de dia não tem a mesma graça que teria à noite. Não é à toa que os festivais de música que duram o dia inteiro guardam as estrelas principais para quando a luz do sol se põe para dar lugar aos holofotes que iluminam o palco. É a vez dos Coldplays, U2s e Madonnas da vida darem o ar da graça. Noite combina com o ponto máximo, com o êxtase.

Eu já andei sozinho pela noite. Várias vezes. Gosto também de viajar sozinho. Em um determinado astral, talvez possa encontrar a explicação, já que sou sagitariano e dizem que estes não gostam de amarras. Assim como já viajei sozinho, vi a vida noturna em lugares diferentes. São Paulo, Tel Aviv, Cidade do México, Montevidéu ou Colônia. Em cada uma delas, as luzes noturnas têm uma cor diferente, um significado distinto, reluzem sobre monumentos e paisagens que ficam estranhamente mais belos. Estranhamente porque a luz natural solar é a mais bela para a maioria das pessoas talvez, mas não para os amantes da noite.

Entretanto, o que todos os lugares têm em comum é a transformação noturna das pessoas. Elas são outras. Riem mais alto, flertam com mais desejo, cantam com mais alegria. Certo que muitas delas têm uma ajudinha do álcool para se desinibir, mas é uma contribuição que não tira o mérito da noite.

Eu passei a maior parte da minha vida em uma cidade cujo apelido dado por um jornalista da região era “a madrugada do Rio Grande”. Não nasci em Santo Ângelo, mas passei toda a adolescência e boa parte da idade adulta lá. Se você sair à noite em Santo Ângelo, principalmente nos meses mais quentes do ano, entenderá o porquê do apelido. Talvez venha de lá minha paixão pela noite, hora em que a febre fica mais alta, quando todos os gatos são pardos e todos os outros ditados e clichês.

Não importa se vou para Porto Alegre, Londres, Pelotas ou Estocolmo. Só saberei realmente como são esses lugares depois que anoitecer.

CONTO

Tempo em vão

Elvira trabalhou uma vida inteira no salão de beleza do bairro para dar o melhor a seu filho. Deixava de comprar coisas para si para que o garoto pudesse frequentar a melhor escola que ela conseguia pagar, sem falar nas artes marciais, na escolinha de futebol... Agora, aos sessenta anos, estava ela diante da foto de Elias naqueles tempos de garoto. Cada lágrima que caía no porta-retratos era como se representasse um esforço em vão.

Não foi fácil para ela seguir adiante sozinha. O pai do garoto sumiu pelo mundo sem deixar rastro. Não apareceu nem quando foi chamado pela justiça para o teste de DNA. O juiz declarou-o presumidamente o pai, mas de nada adiantava sem um endereço sequer para cobrar as obrigações dele.

Elias cresceu naquele bairro de classe média baixa na capital gaúcha, jogava bola nos campos barrentos, brincava e era uma criança feliz. Porém, na adolescência algo começou a brotar nele. Um misto de rancor e revolta. Acostumado a andar com jovens do topo da pirâmide social, só tinha olhos para as privações da vida que tinha naquele lugar junto à mãe.

– Não posso nem trazer meus colegas para fazer trabalhos de aula nesse cafofo – dizia sem medo de magoar a mãe ao se referir dessa forma ao lar que ela mantinha com sacrifício.

Os amigos e parentes dela alertavam que ela fazia muito as vontades do guri. Diziam que ela deveria mudar antes que fosse tarde. Ela dava de ombros à época, agora doía que estivessem certos. “Os homens

amadurecem mais tarde que as mulheres”, disse alguém para consolá-la há alguns anos. Mas agora parecia ser tarde, ele já estava com quarenta e dois anos. Ela amadureceu na marra quando engravidou aos dezoito, ele ainda não.

De repente a campainha soou. Era uma vizinha.

– Olá, comadre! Vim te acompanhar, mas não parece pronta.

– Eu não vou – disse Elvira.

A vizinha tentou argumentar que o filho precisava dela. Era réu primário e um primo da vizinha que era advogado iria ajudá-los. Mas nada faria Elvira mudar de ideia. Afinal, estava nessa situação porque se envolveu com uma gangue racista de internet. Enquanto a mãe trabalhava, ele fazia ofensas racistas junto a seus amigos. Até o dia em que se meteram com uma atriz famosa e a polícia veio atrás.

– Por favor, comadre, vá embora – pediu Elvira – Ele que se vire, quem sabe amadurece, senão é falta de caráter mesmo.

A vizinha saiu, Elvira deu um longo e triste suspiro, apanhou o porta-retratos novamente e voltou à poltrona para sofrer uma dor que só ela sabia dimensionar.

2018

1º LUGAR

Celso Gonzaga Porto

MINICONTO

Devastação

Movimento frenético de resíduos em sobrevoo. O assvio insistente no encontro com quinas e frestas. Em minutos, entulhos. Tudo devastado.

POETRIX

DIVAGANDO

Quando o pensamento voa
A alma transpira anseios
A mente exala devaneios

POEMA (Forma Livre)

SOLIDÃO

Quarto vazio e silente
No vaso, somente uma flor
A exalar perfume,
Aroma com cheiro de amor
O olhar fixo
Quem sabe a sufocar um grito
Num pensamento distante
Agora
Os olhos fixam na flor
Num sentimento de saudade,
Que tropeça na maldade
Da parceira que se foi
Aquele mimo, era p'ra ela
Partiu sorrindo e levou
A paixão que era só dela.
Aquele mimo, era p'ra ela
Mas ela, não mais voltou.

CRÔNICA

AS "VIÚVAS"

Tudo corria normal no velório, como em qualquer velório. Quem estava em pé, cruzava e descruzava os braços. Os sentados, cruzavam e descruzavam as pernas. E no mais, todos se entreolhavam com cara de bobo; sem nada a fazer; sem nada a dizer.

De várias mulheres que se aproximaram do morto, se ouviu a característica choradela: "Tão bom... E era só meu." Depois da quinta que se aproximou do ataúde, já na madrugada, todas perceberam que o "só meu", não passava de mera ilusão. O Juca, com todo o jeitão de boa gente, tinha um verdadeiro harém.

E foi aí que o tempo fechou. No primeiro puxão de cabelo, uma peruca sobrou na mão da antagonista. Um olho de vidro foi parar junto à coroa de flores com a famosa faixa com os dizeres: "SAUDADE ETERNA". Uma delas não conseguiu levantar da cadeira. A muleta tinha sido usada como arma por uma das "viúvas". Ela não conseguia manter o equilíbrio apenas com uma perna. Pior foi uma dentadura que foi parar no meio das pernas do morto. Ou seja. Deu para perceber que do Juca não escapava nada.

Já quase ao clarear do dia, alguns homens que participavam da cerimônia conseguiram apaziguar os ânimos. Foi um pedido desesperado da viúva que só aí, no último momento do Juca, tomou consciência do fato de ter sido enganada o tempo todo. Mas engoliu em seco. Afinal, tinha de preservar os filhos que nada tinham a ver com a história. Os amigos conseguiram fazer com que as falsas viúvas deixassem o velório. Já tinham causado rebuliço demais.

E a cerimônia continuou no mesmo "ritual"; cruza e descruza braços; cruza e descruza pernas. Às vezes, uma aproximação ao caixão, o olhar fixo no morto e a mão batendo no ombro do parente com um sacudir de cabeça, sem que nada possa ser dito. Pelo menos que amenize a situação. Por fim, chega a hora da "encomendação" do corpo. Alguém paramentado, com um livrinho na mão, borrifa água benta no cadáver, diz alguma coisa e manda que todos digam amém. O defunto está pronto para "seguir viagem"; a última, por sinal.

Fechado o caixão, saem todos acompanhando o trajeto. Cabeça baixa, as mãos às vezes cruzadas na frente, às vezes nas costas e, enfim, a sepultura começa a ser lacrada.

É o momento em que paramos para refletir que, um dia, voltaremos a estar em um ambiente semelhante, onde todos os trejeitos vão se repetir, onde o constrangimento impedirá que se diga algo, e nós estaremos tranquilos e serenos.

Tranquilos e serenos?

Sim. Simplesmente porque todos estarão fazendo reverência a nós.

CONTO

Retomada

Ramires não se conformava com os últimos acontecimentos. Perdera o emprego recentemente, nem ele mesmo entendia muito bem o porquê. Ganhava razoavelmente bem e, num piscar de olhos, sua esposa com trabalho mais modesto é quem mantinha o essencial em casa.

Imediatamente, largou currículo em diversas empresas de médio o grande porte. Até fazia entrevistas, mas no final a resposta era negativa.

Sua mãe, devota de todos os santos e até de mandingas, implorava aos recursos do além pelo sucesso do filho, mas a maratona continuava. Ramires, na verdade, não era adepto dos rituais de devoção da mãe. Acreditava mesmo era no esforço despendido em busca dos objetivos. Mas o tempo foi passando e os insucessos acontecendo a cada nova investida.

O sistema nervoso começou a ficar abalado. Não era confortável ver que a mulher era quem sustentava a casa sozinha. Achava razoável que ela trabalhasse para ajudar nas despesas mas, para manter tudo, não achava justo.

Passados tempos naquela situação, Ramires teve oportunidade de parar e refletir sua situação. Por que com formação e grande experiência, os caminhos se lhe fechavam as portas?

Em conversa com um amigo, ouviu um parecer. Ele havia deixado a última empresa com um salário elevado. Isso representava um entrave para nova admissão, já que não era de bom tom que se rebaixasse o salário na carteira.

A partir daí, Ramires mudou os caminhos. Fez curso de aperfeiçoamento em informática. Mudou o foco da sua busca por trabalho e

assim, conseguiu um estágio por conta do curso. Durante esse período, chamou a atenção dos donos da empresa pelo discernimento daquele estagiário, a facilidade com que dominava o trabalho e o entusiasmo com que enfrentava os desafios.

Concluído o estágio, foi convidado a exercer na própria empresa um cargo de auxiliar junto a uma das direções. Dia a dia, sua dedicação era maior. Afinal, estava deixando um período de ostracismo profissional para retomar seu caminho.

Passados dois anos, o diretor com quem trabalhava foi transferido para uma filial da empresa, recentemente aberta no exterior. Com surpresa, Ramires recebeu o convite para ocupar o cargo.

Em pouco tempo, o salário já superava aquele do emprego anterior e o forte embasamento lhe dava a cada dia condições de manter a empresa no mais alto conceito.

A percepção de mudar o foco para a procura foi preponderante para o seu sucesso.

Ramires ratificou seus princípios de que a luta constante conduz aos objetivos.

Por sua vez, sua mãe passou a contar para a vizinhança que seu filho foi salvo pelos trabalhos espirituais que ela desenvolveu.

O fato é que, bem ou mal, as energias positivas se somaram.

2º LUGAR

Marcos Eizerik

MINICONTO

RODAS

Fim de tarde. Quando o sol começa a se despedir do dia. A primavera trazia as primeiras flores e a temperatura, nem quente, nem fria, convidava para um passeio. Sempre gostei de passear. Com minha mãe, com meu pai, com minha avó já bem velhinha.

De olhos abertos, fechados, curiosos. O que me fascinava era conhecer novos lugares, novas pessoas. No céu, agora nublado, as estrelas começavam a piscar. No chão, folhas iniciavam sua dança ao ritmo do vento. O tempo mudava. A ventania se apresentava. Perfeito! Ela me trazia lembranças que flutuavam no ar. Mãos nas rodas. O primeiro impulso é sempre o mais difícil. E lá vamos nós para mais um passeio: eu e minha cadeira de rodas.

POETRIX

FOME

Sonhar é prato cheio
Sonho de olhos abertos
Sonho de doce de leite.

POEMA (Forma livre)

ROMA

Como uma lança que perfura
Ao som das palavras débeis
Desde ursão até minha fofura
Ele passa dos 80 decibéis
O feio lhe parece bonito
O gordo é seu forte
O gemido vira grito
O perdido um novo norte
Sua ausência traz arrepio
É angústia, insônia, ferida
O quente passa a ser frio
Tudo na espera da comida
Ver os olhos cerrados
Tocar as mãos atadas
Falar com lábios calados
Cheirar velas apagadas
De traz para frente
Pagão louvor
Do ateu ao crente
Todos os caminhos levam ao amor.

CRÔNICA

DE MORRER DE RIR

Ele sempre gostou de fazer graça. Gostava de contar que, quando nasceu e o médico bateu na sua bunda, em vez de chorar, gritou:

– Vai bater na mãe!

Na escola, sentava no fundão. Sempre tinha uma resposta na ponta da língua – língua afiada. Seus super-heróis não tinham capa nem espada: tinham ironia e sarcasmo. Do Barão de Itararé, chegava até ter pôster colado na porta do quarto. Para quem dizia que isso era fase, que passaria com o tempo, citava:

– O problema não é mudar de ideia, é não ter ideia para mudar.

Com seus um metro e setenta, sessenta e cinco quilos, olhos castanhos e cabelo um tanto quanto crespo, não era um modelo de beleza. Por isso, quando conquistou Berta, uma coisa era certa: ela gostava de sorrir. E ele adora fazê-la feliz. Para os que não entendiam como aquela morena de lindos olhos azuis poderia ter casado com Paulo, a resposta saía num piscar:

– Eu tenho ótimo gosto para mulheres. Ela tem péssimo gosto para homens.

É bem verdade que ele aprontava. Muitas vezes suas brincadeiras assustavam Berta. Toda vez que eles comiam peixe, ele fingia se engasgar e tossia, tossia e tossia. De repente, colocava a mão na boca e tirava a espinha inteira do pobre animal – claro, devidamente escondida antes na mão.

Com o tempo e as repetições, a brincadeira deixou de assustar e virou um clássico nos almoços da família. Primeiro, foram os filhos que

imitaram. Depois, os netos. Era ter peixe para começar a sinfonia de tosses. Às vezes, o que faltava era espinho.

A experiência trouxe novas histórias, viagens e motivos para sorrir. Os filhos já estavam formados, os netos adoravam suas brincadeiras – inclusive a prova de fogo da coragem: dar um pum embaixo da coberta e tapar a cabeça –, e Berta continuava linda. Ainda com péssimo gosto para homens, mas linda.

Para comemorar 50 anos de casado, programaram uma viagem muito especial: queria conhecer a casa onde Chaplin havia nascido. No caminho, também valia conhecer um pouco da França e Itália. Por quê? Ora, Charles também havia passado lá.

Passaporte em dia, passagens compradas, hotéis reservados, só faltava os exames de rotina.

Quando o telefone tocou e a secretária do médico pediu que Paulo viesse um dia antes do combinado e, de preferência, sozinho, ele respondeu:

Querida, vou correndo: notícia ruim vem rápido.

Do outro lado da linha, não houve resposta.

Sentado na frente do médico, Paulo ouviu com atenção os resultados dos exames. Sua tranquilidade era inversamente proporcional à gravidade do diagnóstico.

Poderia levar um mês, três meses ou, no máximo, seis meses. Evidente que milagres aconteciam, mas o médico, a medicina, não podiam contar com eles.

Foram quase 45 minutos ouvindo. Em momento algum, Paulo interrompeu o médico. Já ansioso, ele perguntou se Paulo tinha alguma dúvida, algum comentário.

Paulo olhou para sua aliança, olhou para o médico e, gravemente, falou.

– Creio que não devo comer peixe pelos próximos seis meses.

CONTO

V-i-d-a

Ela era muito esperada. Depois de duas gravidezes que não deram certo, ter passado do terceiro mês já era um milagre.

Na verdade, desde o primeiro mês, eles comemoravam. A decisão já havia sido tomada: eles não tentariam mais. As duas perdas foram muito doloridas.

Da primeira vez, a alegria deu lugar ao desespero. O pequeno quarto estava praticamente montado. Faltavam detalhes: um quadro na parede, um ursinho no berço e, claro, um anjo de pano para proteger o anjinho recém-chegado. Foi exatamente quando escolhiam o quadro que uma forte pontada levou eles às pressas para o hospital.

Fila. Senha. Maca. Grito. Sangue. Correria. Emergência. Meu filho, meu filho. Aborto.

Depois de três anos, uma nova bênção. Agora, eles já sabiam o perigo. Todo o cuidado foi tomado. Repouso absoluto. Ela não precisava trabalhar. Ele dava conta, O quarto já estava pronto havia três anos. O pouco que faltava, eles comprariam aos poucos. O quarto ele mesmo pintara com a tinta que ela escolhera. A nova colcha ela mesmo costurara com os bichinhos que eles decidiram.

Quando o telefone tocou no meio da tarde e ele reconheceu o número dela, seus olhos ficaram cheios de desespero.

Sangue. Fila. Senha. Emergência. Grito. Correria. Meu filho, meu anjo, meu Deus. Aborto.

A decisão estava tomada, eles não tentariam mais.

Mas o susto veio. O que fazer? Adiantar o inevitável? Para que prolongar o sofrimento?

Depois de sete anos, a dor ainda era muito presente. A ferida não havia cicatrizado. Eles não aguentariam passar novamente por tudo aquilo.

Porém, passaram pelo primeiro mês. Com receio, com sonhos, com um lindo quadro na parede. Pelo terceiro mês. Com desconfiança, com força, com pequeno ursinho no berço.

E vieram o quarto, quinto e sexto mês. Com pavor, com fé, com internação.

No sexto mês, a gravidez de alto risco tornou-se uma internação de emergência.

Sangue. Grito. Fila. Senha. Correria. Meu filho, me ajuda, nos salva. Cesariana.

A enfermeira caminhou até o fundo do corredor para encontrá-lo. Ela tinha perdido muito sangue. O bebê pesava menos de 700 gramas. Eles fizeram tudo o que fora possível. Ela não sobrevivera. Ela estava na UTI.

Foram quase três meses na Unidade de Tratamento Intensivo. Todos os dias ele via sua filha pelos grossos vidros da incubadora.

No quarto mês, uma infecção quase a tirou dele. No sexto mês, ela ganhou peso. No oitavo mês, ela ganhou seu primeiro colo do pai.

Numa tarde ensolarada de uma terça-feira de novembro, eles saíram do hospital. Ele esperou estar junto dela para ir ao cartório registrá-la.

– Qual será o nome dela? – perguntou o escrivão.

– Vê - i - dê - a. Vida. Como a mãe.

3º LUGAR

Eduardo Bizarro Pereira Porto

MINICONTO

VENTANIA

Sobre o mar acalmado, as naus flutuavam quietas. A calma era a morte. O capitão-mor rezava por ventania. Pronto estava para aguentar todo vento que viesse. E ele soprou; soprou e não parou mais. Trouxe as naves, a peste e a cobiça. E levou; levou ouro, prata e o que mais reluzisse. No fim deixou; deixou a morte, a vida, a desgraça e a esperança. Continuou soprando, nunca soube o que fizera.

POETRIX

SONHAR

Quero dormir e não acordar,
Ser o senhor de todos os sonhos.
Se não der certo, volto a sonhar.

POEMA (Forma Livre)

AMOR

O amor que amei primeiro
- e muito correspondido -
foi um sorriso e um seio.

Tudo que tinha querido.

Depois amei o meu pai,
amor que não tinha fim,
e do meu peito não sai,
a saudade que há em mim.

Aprendi a amar a vida,
mistura de muito e pouco.

Uma surpresa infinita,
para o são e para o louco.

Até os bichos amei,
também os livros que lia,
e as flores que cheirava,
o real e a fantasia.

Enfim, amei os olhos dela,
Cada amor é diferente.

Tanto amor que dou p'ra ela,
não tem fim esta vertente?

CRÔNICA

HUMOR APROXIMA

Tia Negra sempre foi muito bem humorada. Cedo teve que encarar a vida junto com a mãe e a irmã, abandonada pelo “chefe da família”. Aposentada e solteirona, seu maior medo era que descobrissem que reduzira em quinze anos a própria idade para ser admitida na antiga Viação Férrea, que então estabelecia idade máxima para admissão. Viveu com esse fantasma a assombrá-la, malgrado as tranquilizadoras explicações do meu avô, que era seu irmão.

Além de bem humorada, era muito generosa com os seus, entretanto muito econômica consigo mesma. Economizava em tudo: se o doutor receitava dois remédios, comprava o mais barato, também mais barato era o sabão, e assim por diante. Também tinha o hábito de guardar os presentes que recebia, de Natal ou aniversário. Era comum não abrir os pacotes, na expectativa, quem sabe, de poder reutilizá-los em ocasião apropriada.

Recentemente, Tia Negucha, outro apelido dela – pediu-me que a acompanhasse em um aniversário de uma amiga. Aceitei prontamente o convite, sem outra intenção, embora antevisse alguma cena pitoresca que a presença da Tia Negrinha – mais um apelido – está sempre a propiciar.

Chegamos lá e a tia Inês – esse é o nome dela, embora nunca tenha ouvido alguém chamá-la assim – muito sorridente e afável, cumprimentou a aniversariante, e entregou-lhe o presente, dizendo: “desculpe a insignificância, é só uma lembrancinha”.

A anfitriã abriu o embrulho, momento em que o seu sorriso passou do vermelho para o amarelo. Ela agradeceu, fazendo o que podia para não perder a linha.

Fiquei sem saber o motivo do constrangimento, até mais tarde na festa, quando a neta da aniversariante confidenciou-me que o presente da tia Negritita – outro... – fora o mesmo que recebeu da anfitriã no seu próprio aniversário – da tia Negrinha – no ano anterior.

A formalidade que até então havia entre a neta da aniversariante e eu se desfez, e rimos muito.

Era como se o encontro dissonante daqueles dois antigos cristais, que nos eram muito queridos, ressonasse em riso duas gerações adiante. Até hoje comemoramos aquela data como o “nosso” aniversário.

CONTO

Implacável Sedutora

A vida nunca para. Ela força, luta, empurra, muda os planos daqueles que dela se embebedam. Para a criança que primeiro reconhece um rosto, sua mãe é o Universo, que nunca cessará de expandir, enquanto houver vida.

Edmundo e Artur sempre foram bons amigos, desde quando aprenderam o significado da amizade. Estavam juntos sempre que podiam.

Após as aulas, gostavam de ir para a "cidade". Um forasteiro que ali chegasse, notaria a cidade deserta se os meninos não estivessem. Escondido no sopé de um barranco, cercado de espessa vegetação, o casario era baixo, feito com materiais de fortuna, ao longo de um arruamento irregular, mas construído com cuidado.

Em um fim de tarde de outono, Edmundo e Artur subiram o barranco, sentaram na grama e ficaram admirando a cidade que haviam construído. Artur comentou:

– No meu aniversário, vou pedir mais carrinhos. Toda casa terá um.

– Vamos poder fazer até um engarrafamento – disse Edmundo. Eles riram e se abraçaram.

– Então ela estará completa, poderemos dizer que concluímos nosso projeto? – continuou Artur.

Edmundo, o mais velho, não respondeu, ficou pensativo. Sentia-se esquisito, parecia não entender mais a vida.

No primeiro dia de aulas, sentira grande alívio quando soubera que Carmem Lígia seria sua colega de turma. Escolheu um lugar logo atrás dela.

Ali sobre o barranco, sentado em companhia do amigo, Edmundo acariciava uma borracha de apagar lápis, que trazia no bolso; tinha o formato de uma flor o mimo que recebera de Carmem naquela manhã.

Artur, talvez tomado de alguma apreensão ou pressentimento, perguntou ao amigo:

– Vamos brincar de carrinho amanhã?

Edmundo pareceu surpreender-se com a pergunta. Tirou a mão do bolso, levantou-se e respondeu. Mas não com tranquilidade ou displicência. O fez com aprumo, ênfase e decisão. Parecia contrariar o que já se arrebatava dentro de si mesmo:

– Eu vou brincar de carrinho contigo para sempre.

Quem lhe acompanhou os passos nos dias que se seguiram, percebeu que a vida, sedutora implacável, tinha outros planos para ele.

Foi a última promessa que Edmundo fez na infância, e a primeira que descumpriu na adolescência.